

O DÉCIMO TALENTOSO: DISCURSO MEMORIAL*

W. E. B. Du Bois

O passado

ALGUNS ANOS¹ atrás, usei a expressão: “Décimo Talentoso”,² que se refere à liderança da raça Negra na América por alguns poucos treinados. Desde então, essa ideia tem sido criticada. Foi dito que eu tinha em mente a construção de uma aristocracia, negligenciando as massas. Essa crítica pareceu ainda mais válida devido à ênfase no significado e poder das massas, à qual Karl Marx deu voz em meados do século XIX, e que tem crescido em influência desde então. Ocorreram outras mudanças nesses tempos, as quais muitos de nós não percebemos como uma Revolução pela qual estamos passando. Por causa disso, é necessário examinar o mundo ao nosso redor, nossos pensamentos e atitudes em relação a ele. Eu quero, então, reexaminar e reafirmar a tese do “Décimo Talentoso” que formulei alguns anos atrás.

* Discurso Memorial apresentado no 19º Conclave Grand *Boulé*, Sigma Pi Phi, 1948. The Talented Tenth Memorial Address.” O texto foi publicado no *The Boulé Journal*, v.15, n.1 (October 1948). Tradução de Laíssa Ferreira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNICAMP e integrante do Grupo de Pesquisa em Filosofia Política UNICAMP e Marília Lima, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNICAMP, e Marília Lima, doutoranda em Antropologia Social da UNICAMP e integrante do Centro de Pesquisa em Etnologia Indígena - CPEI.

- 1 Mantivemos a grafia do texto original, tanto a alternância de determinados termos em letras maiúsculas e minúsculas, quanto o negrito e das aspas - NT.
- 2 W.E.B. Du Bois. “The Talented Tenth” in Booker T. Washington (ed.) *The Negro Problem: a Series of Articles by Representative American Negroes of Today* (New York: James Pott & Company, 1903), pp. 33-75.

Em uma era em que a cultura é relativamente estática, um homem, uma vez alicerçado nos fundamentos do conhecimento que recebeu através da educação atual, pode depender mais ou menos da absorção cotidiana do conhecimento para se manter a par do mundo. Isso foi verdade por décadas durante o século XIX e, geralmente, tem sido verdade no lento movimento de muitos outros séculos. Mas, hoje, a maré avança rapidamente e quase todo conceito fundamental que a maioria de nós aprendeu na faculdade passou por mudanças radicais. Assim, um homem que foi amplamente educado em 1900 pode ser amplamente ignorante em 1948, a menos que tenha feito um esforço consciente, contínuo e determinado para se manter a par do desenvolvimento do conhecimento e do pensamento no último meio século.

Por exemplo, desde 1900, a física e a química revolucionaram muitos dos seus conceitos básicos. A astronomia é, hoje, uma ciência quase nova em comparação à época de Copérnico. A psicologia passou de suposições e introspecção para se tornar uma ciência exata. A biologia e a antropologia mudaram e se expandiram amplamente; e a história e a sociologia começaram, em meados do século XX, a assumir a forma de ciências reais, em vez de serem predominantemente teoria e opinião.

Supondo que um universitário de 1900, ou mesmo de 1925, tenha passado seu tempo desde a graduação principalmente ganhando a vida, certamente ele não será capaz de compreender o mundo de 1950. É necessário, então, que os homens educados reajustem continuamente os seus conhecimentos, e isso é duplamente necessário nesses dias de rápida revolução nas ideias, nos ideais, nas técnicas industriais, nas viagens rápidas e nas variações e tipos de contato humano.

Passemos agora àquele complexo de problemas sociais que abrange e condiciona nossa vida e que nós podemos chamar, mais ou menos vagamente, de “Problema Negro”. É evidente que em 1900, os Negros Americanos eram de uma casta inferior, frequentemente linchados e atacados, amplamente privados de seus direitos e frequentemente marginalizados nas principais áreas da vida. Como estudante e trabalhador naquela época, eu olhava para eles e via a salvação por meio de uma

liderança inteligente; como eu disse, através de um “Décimo Talentoso”. E para essa inteligência, eu argumentei, que precisávamos de homens treinados na faculdade. Portanto, enfatizei a importância da faculdade e a formação superior.³ Para esses homens com formação universitária, seria necessária uma compreensão minuciosa da massa de Negros e dos seus problemas; por isso, eu enfatizei o estudo científico.⁴ A vontade de trabalhar e fazer sacrifícios pessoais para resolver esses problemas era, naturalmente, o primeiro pré-requisito e *sine qua non*. Eu não só enfatizei isso, eu assumia isso.

Sacrifício

EU ASSUMIA que, com conhecimento, o sacrifício viria automaticamente. Na minha juventude e idealismo, não percebia que o egoísmo é ainda mais natural do que o sacrifício. Presumia sua ampla disponibilidade devido ao espírito do sacrifício aprendido em minha formação na escola de missões.

Fui para o Sul, para a Universidade de Fisk, aos dezessete anos, quando eu era peculiarmente impressionável e vindo de uma região que havia aberto minha mente, mas não havia preenchido o vazio. Na Fisk, conheci um grupo de professores que seria incomum em qualquer época ou

3 A importância da formação de pessoas negras no ensino superior era um dos contrapontos à proposta de Booker T. Washington, que defendia a educação industrial para os negros, como forma de torná-los aptos a ocuparem postos de trabalho e, assim, ascenderem economicamente. Anos mais tarde, Du Bois reconheceu as controvérsias com Washington não nos termos de um conflito, mas, fundamentalmente, como uma diferença de posturas ideológicas. W. E. B. Du Bois, *Dusk of Dawn – An essay toward an autobiography of a Race Concept*, New York: Oxford University Press, (1940) 2007, p. 35 - NT.

4 Durante a primeira metade do século XX, o contexto sulista estadunidense foi marcado pela herança escravocrata e pela ferocidade das leis segregacionistas Jim Crow, com isso, a vida das pessoas negras era marcada pela violência, conflitos e tensões raciais. Não à toa, na primeira versão de “O Décimo Talentoso”, Du Bois mostrou-se “cético quanto a capacidade ou mesmo o interesse dos brancos em elevar os negros mais pobres”. Para ele, a promoção da igualdade e as condições de emancipação dos negros teriam de vir de si próprios. D. Sall e S. Khan, “What elite theory should have learned, and can still learn, from W.E.B. DuBois”, *Ethnic and racial studies*, v. 40 (2017), p. 3 - NT.

lugar. Eles não eram apenas homens de grande conhecimento e experiência, mas homens e mulheres de caráter e devoção quase fanática. Foi uma grande experiência estar sob suas vozes e influência. Foi a partir dessa experiência que facilmente presumi que pessoas educadas, na maioria dos casos, estavam saindo para a vida com a intenção de melhorar o mundo. É claro que, ao olhar a minha volta, deveria ter compreendido que nem todos os alunos da Universidade de Fisk eram pessoas desse tipo. Não faltaram almas pequenas e egoístas; havia entre o corpo estudantil companheiros preguiçosos e descuidados; e havia jovens especialmente astutos que recebiam a educação dada a muito baixo custo na Universidade de Fisk com a única e exclusiva ideia de ver o quanto poderiam ganhar para si próprios com isso, e para mais ninguém.

Quando eu saí da faculdade para o mundo do trabalho, percebi que era bem possível que meu plano de treinar um “Décimo Talentoso” poderia colocar no controle e no poder um grupo de homens egoístas, autoindulgentes e abastados, cujo interesse básico em resolver o Problema Negro fosse pessoal; liberdade pessoal, desfrute e uso irresponsável do mundo, sem nenhum cuidado genuíno, ou certamente nenhuma preocupação quanto ao que tornou-se a massa de Negros Americanos ou a massa de qualquer outro povo. Eu pude ver que o meu “Décimo Talentoso” poderia resultar num vale tudo interracial; com o diabo ficando com os de trás, e os primeiro lugares levando tudo o que suas mãos pudessem tocar.

Aristocracia

HISTORICAMENTE, ESSE sempre foi o perigo da aristocracia. Durante muito tempo, isso foi considerado quase inevitável devido à escassez de habilidade entre os homens e porque, naturalmente, o aristocrata passou a considerar a si mesmo e seus caprichos como necessariamente o fim e o único fim da civilização e da cultura. Enquanto as massas suportaram essa doutrina, a aristocracia e a miséria em massa conviveram harmoniosamente.

Nessa situação, surgiu o pensamento revolucionário, manifestado anteriormente por grandes líderes morais, que pediam caridade para com os pobres e simpatia para com os ignorantes e doentes. E, eventualmente, até pediam por justiça divina. Com a súbita expansão econômica e a técnica maravilhosa dos séculos XVIII e XIX, vieram profetas e reformadores, mas, especialmente, a voz de Karl Marx para dizer que os pobres nem sempre precisam estar conosco, uma vez que todos os homens podem e devem ser libertos da pobreza.

Karl Marx salientou o fato de que não apenas na classe alta, mas na massa dos homens, estavam as reais pessoas do mundo. Ele insistiu que as massas eram pobres, ignorantes e doentes não pelo pecado ou pela natureza, mas pela opressão. Ele pregou que a produção planejada de bens e a distribuição justa de renda aboliriam a pobreza, a ignorância e as doenças, e tornariam a assim chamada classe alta não a exceção, mas a regra entre a humanidade. Ele declarou que o mundo não era para os poucos, mas para os muitos; que das massas de homens poderiam surgir inundações esmagadoras de habilidades e genialidade, se libertássemos os homens estrategicamente e não ao acaso. A civilização não só poderia ser partilhada pela vasta maioria dos homens, mas tal civilização fundada em uma ampla base humana seria melhor e mais duradoura do que qualquer outra que o mundo já viu. O mundo escaparia, portanto, do perigo contínuo de ser governado por poucos egoístas para benefício deles próprios.

Muito gradualmente, à medida que a filosofia de Karl Marx e de muitos dos seus sucessores infiltrou-se em minha compreensão, tentei aplicar essa doutrina em relação aos Negros. Meu “Décimo Talentoso” deveria ser mais do que talentoso e trabalhar não simplesmente em nível individual. Seu passaporte para a liderança não era somente o aprendizado, mas o conhecimento especializado da economia moderna e como ela afetava os Negros Americanos; e, para além disso, seria fundamental sua disposição em se sacrificar e planejar tal revolução econômica na indústria e na distribuição justa de riquezas, o que tornaria possível a ascensão do nosso grupo.

Raça

ALÉM DISSO, a biologia e a sociologia estavam reconstruindo minha ideia de Raça. Esse grupo não era simplesmente uma entidade física: um povo negro ou um povo descendente de negros. Esse grupo era o que todas as raças realmente são: um grupo cultural. É uma pena que tenhamos de usar a palavra “cultural” para tantos significados. No entanto, o que ela significa no pensamento científico moderno é o que são os quinze milhões de homens e mulheres que, durante três séculos, compartilharam experiências e sofrimento comuns, e que trabalharam juntos dia e noite por sua própria sobrevivência e progresso; de tal modo que esse complexo de hábitos e costumes não pode e não deve ser perdido. Essas pessoas que compartilharam dessa experiência formaram uma raça, não importa o que seu sangue possa dizer. Essa raça deve ser preservada para o benefício do próprio Povo Negro e da humanidade. Passei, então, a defender não o orgulho da raça biológica, mas o orgulho de um grupo cultural, integrado e expandido por ideais desenvolvidos para formar um método de progresso.

Imediatamente, isso constituiu um paradoxo. Aqueles Negros que há muito se prepararam para o sucesso pessoal e a liberdade individual vieram a considerar o desaparecimento da segregação como um fim e não como um meio. Eles queriam ser Americanos, e não se importavam tanto com o tipo de americano que seriam, apenas com o direito de ser um deles. Eles não só não queriam lutar por uma cultura Negra, como até negavam qualquer possibilidade desta, e certamente sua conveniência, mesmo que algo pudesse ser feito para que ela existisse. A liderança, portanto, do meu “Décimo Talentoso” sobre a massa de jovens homens e mulheres de cor, formados em universidades e ingressando em suas carreiras, enfrentou a rejeição e o desaparecimento do Negro, tanto como uma raça quanto como uma cultura.

Mas isso, como eu disse, era paradoxal. Os Estados Unidos têm um grande número de Negros. Somos tantos quanto os habitantes da Argentina ou da Tchecoslováquia; ou de toda a Escandinávia, incluindo

Suécia, Noruega e Dinamarca. Somos quase do tamanho do Egito, da Romênia e Iugoslávia. E somos maiores do que o Canadá, Arábia Saudita, Etiópia, Hungria ou a Holanda. Temos o dobro de pessoas em comparação à Austrália ou Suíça, e mais do que toda a União Sul-Africana. Temos mais pessoas do que Portugal ou Peru, duas vezes mais do que a Grécia e quase tantos como a Turquia. Temos, de longe, mais pessoas do que a Bélgica e metade da Espanha.

Uma nação de tal dimensão, tal história e tal realização deveria ser capaz de esperar algo mais do que um completo apagamento e uma total absorção a uma outra e estrangeira entidade. Ela deveria ter sonhos legítimos de continuidade, unidade e imortalidade. Ela deveria planejar uma vida e um futuro, não em um mundo de antagonismo e inimizade ou estreito provincianismo racial, mas em maior e mais ampla ajuda a todos, por meio do autoconhecimento, da autorrealização e do autocontrole. Não só isso, pois o mundo tem pelo menos 250 milhões de Negros e Negroides e eles não podem desaparecer fisicamente, muito menos culturalmente, sem uma perda profunda para si mesmos e para a humanidade.

Cultura Negra

A QUESTÃO É: como e por quem a cultura negra pode ser preservada? Não apenas para os movimentos sociais da América, mas para o vasto mundo da cultura humana.

Em nossa concentração de conhecimento nos Estados Unidos, como local de nossa luta, chegamos a pensar nessa terra como o centro do universo e, recentemente, como o líder predestinado da civilização. Isso se deve ao nosso recente aumento de poder mundial, baseado em recursos naturais incomuns; em uma democracia governamental que emancipou antigas classes baixas, proporcionando-lhes trabalho e altos salários; e, finalmente, porque as principais nações da Europa perderam seu poder devido à rivalidade, exploração e guerra.

Não foram as virtudes dos Estados Unidos da América, mas os erros da Europa que nos deram nossa atual supremacia. Nós, Negros, imprudentemente falhamos em reconhecer isso e temos tentado nos tornar mais Americanos do que os Americanos; ruidosos em nosso diálogo, orgulhosos e arrogantes, chamativos e ostentosos no vestuário, negligentes nos modos, esbanjadores em despesas ostensivas, convencidos e acríticos em julgamentos. Como todo os Estados Unidos, lemos poucos livros, recebemos “notícias” superficiais da rádio de fofocas e opiniões falsificadas de uma imprensa conhecida por ser preconceituosa e monopolidada. Não percebemos que hoje os Estados Unidos são provavelmente a nação mais odiada e desprezada da Terra, especialmente entre os realmente cultos e civilizados. Seus recursos naturais, técnicas industriais e controle de crédito os torna poderoso e temido, mas não é reconhecido como um líder na ciência, na moral ou na direção da felicidade humana. A reforma da cultura humana, para que construamos um mundo decente, está sendo buscada principalmente na Europa e na Ásia hoje.

A cooperação, então, com as forças progressistas da civilização mundial pode ser realizada nesta terra pelos Negros, bem como por qualquer outro grande grupo Americano coerente. Isso é reconhecido no pensamento estrangeiro e está se tornando uma questão expressa abertamente entre centenas de milhões de pessoas na África e na Ásia. Essas pessoas não são como normalmente presumimos quando assumimos inconscientemente os preconceitos americanos – pessoas que merecem ser ignoradas em nossa avaliação do mundo e em nossos sonhos sobre o que o mundo pode vir a ser. Não só elas têm sido influentes em suas contribuições ao passado, mas, hoje, possuem uma liderança de cor que começa a ser poderosa na terra.

Reconstrução Econômica

AGORA, O pensamento central de qualquer esforço cultural para restaurar a civilização que colapsou em duas guerras mundiais e para construir algo

melhor é a reconstrução econômica. A ignorância desse fato central é generalizada. A economia não está sendo ensinada como deveria ser nas escolas e faculdades de hoje. E por economia, refiro-me, é claro: ao conhecimento do significado do trabalho, de como ele pode ser feito da melhor forma; à importância e à propriedade das máquinas, à função do crédito e do dinheiro, à distribuição de bens e serviços e às atuais possibilidades do esforço humano.

A nova economia, que começou há quase exatamente cem anos, é clara e incontestável em seus fatos e conhecimentos. Ela afirma que a natureza é a fonte de todas as riquezas, que o esforço humano transforma os recursos naturais para uso humano, e que os resultados desse trabalho devem ser divididos entre os homens de acordo com as suas necessidades e, não por acaso, ou por privilégio ou poder individual. Ela diz que a indústria deve ser controlada pelo Estado e planejada pela ciência, e que todos os bens devem ser apropriados e distribuídos de tal forma que resultem no maior benefício para todos. Todas as pessoas devem ser educadas de acordo com as suas capacidades e trabalhar de acordo com sua eficiência. A saúde e moradia, a seguridade social e instalações para o lazer e para as relações humanas devem ser de responsabilidade pública.

Dentro dessa estrutura de trabalho necessário para o bem-estar geral, deve haver a mais ampla área possível reservada à liberdade de pensamento, de ação e ideias criativas. Esse programa de progresso é o consenso do mundo civilizado dos nossos dias, sendo chamado por muitos nomes: Socialismo, Comunismo, Liberalismo – nomeado de acordo com o lugar, o tempo e a ênfase.

Nos Estados Unidos, essa ideia fez grandes progressos, começando com o movimento populista, progredindo com Bryan e LaFollette e culminando no *New Deal* de Franklin Roosevelt. No entanto, ela tem sido constantemente e frequentemente combatida por interesses industriais, que tentaram desesperadamente fazer com que os americanos voltassem à crença dos séculos XVIII e XIX de que a livre iniciativa individual, com o mínimo controle social possível e estimulada, principalmente,

pelo incentivo do lucro privado, é o único método possível para trazer e preservar a prosperidade. Essa doutrina é contradita por duas guerras mundiais e a iminência de uma terceira. Ela é negada em nossa própria história por seis crises industriais, uma grande depressão que lançou a indústria mundial ao caos, além da ameaça de outra amanhã.

No entanto, a reação triunfante estimulada pelos lucros fantásticos da guerra está forçando os Estados Unidos, contra o consenso das melhores opiniões do mundo, a bloquear o real progresso econômico, desviando o conhecimento por meio de uma imprensa monopolizada e comercializada e através de uma série de caça às bruxas para assustar e silenciar o pensamento. Este é um tempo de perigo crítico para nós e para o mundo. Tudo o que pudermos fazer para evitar o desastre é nosso dever sagrado tentar.

Um Novo Décimo Talentoso

A QUESTÃO é, então: quem pode liderar o caminho nesse esforço? Surge uma nova ideia para um “Décimo Talentoso”: o conceito de um grupo-liderança, não simplesmente educado e abnegado, mas com uma visão clara das condições e perigos atuais do mundo, que conduza os Negros Americanos à aliança com grupos culturais na Europa, América, Ásia e África, apontando para uma nova cultura mundial. Nós podemos fazer isso. Nós temos a habilidade. A única questão é: teremos a vontade?

Essa liderança exige uma organização especial. Tal organização exige mais que um décimo do nosso número. É indicado um centésimo ou trinta mil pessoas, com um conselho diretivo composto por especialistas formados e especialmente treinados nos principais ramos da ciência e nas principais categorias do trabalho humano, e um comitê executivo remunerado de cinco ou seis pessoas para realizar o programa.

Promover um esquema tão grande como uma nova organização exigiria tanto tempo, dinheiro e esforço que seria mais prático se um órgão já existente pudesse ser adaptado a esse trabalho. Algumas das

nossas fraternidades secretas poderiam assumir essa função. As fraternidades universitárias surgem como as mais bem situadas, em termos de formação, para inaugurar esse trabalho, se pudessem ser persuadidas de sua necessidade e viabilidade. No entanto, as fraternidades universitárias, mesmo com suas comissões de graduação, têm, provavelmente, um grupo muito jovem e muito ocupado tentando ganhar a vida. Além disso, elas são dominadas por ideais bastante juvenis daquilo que é chamado pejorativamente de “espírito universitário”. Dirijo-me, então, a esta fraternidade, mas com algum receio. Nunca fui capaz de aprender a ideia norteadora da Sigma Pi Phi. Acredito que ela tenha suas raízes em certa exclusividade e esnobismo, pelo qual todos nós temos um anseio, mesmo que não confessado. Mas, tais objetos de desejo pertencem aos dias de paz e segurança. Hoje é um tempo de crise. Poderia, então, essa organização ser adaptada ao papel de liderança científica organizada do Negro Americano?

Sigma Pi Phi

CONSISTIMOS em 440 famílias (com exceção do *Boulé* de Baltimore, de quem, apesar de repetidas cartas e cartões, enviados por via aérea e com entrega especial, não obtivemos resposta). Das três milhões de famílias negras, não representamos um décimo, mas um décimo-milésimo do grupo.

Em primeiro lugar, somos homens velhos. Apenas um de nós está abaixo de trinta anos: três quartos dos *Archons* estão entre trinta e sessenta, e muito provavelmente mais próximos dos sessenta. Mais de um quarto está acima dos sessenta. anos. Isso significa que, em geral, recebemos nossa educação universitária no século passado ou na primeira década deste, quando o átomo era indivisível, quando a luz se propagava sempre em linhas retas, quando a evolução era entendida como a sobrevivência do mais apto, quando a humanidade consistia em cinco raças separadas e indestrutíveis e quando o socialismo era um sonho de tolos.

Na profissão, os nossos membros não são bem equilibrados. Aproximadamente metade (201) são médicos, dentistas e farmacêuticos. São, portanto, membros de sindicatos fechados com regras que remontam a outro século: com atividades altamente individualizadas e contratos públicos restritos. O grupo seguinte (144, em números) é de professores e administradores de escolas, pastores e assistentes sociais. Esses homens estão mais em contato com os novos movimentos científicos e sociais, mas têm pouca experiência em primeira mão na indústria moderna, ou seja, na própria atividade que tem governado e condicionado o mundo moderno. Um outro grupo de 65 pessoas é composto por advogados e homens de negócios. Eles próprios não só têm um contato limitado com as classes trabalhadoras e os seus problemas, como estão excessivamente expostos à filosofia empresarial Americana – à ideia de indústria primariamente com fins lucrativos, de sindicatos como incômodos e de salários elevados como inflacionários. Isso vem do seu contato com homens brancos nas suas profissões, que são quase todos do grupo reacionário. Os trinta membros restantes têm profissões variadas, mas não preenchem a lacuna clara que temos no que diz respeito a autores e artistas. Temos nove técnicos, mas esse é um número muito reduzido.

Nós não representamos a típica América. Tampouco representamos a liderança científica e social do mundo moderno, porque estamos sobrecarregados com membros profissionais que tendem aos negócios Americanos, enquanto na ciência e na arte, apesar dos nossos professores, ficamos bem para trás. Estamos, então, na massa, um grupo velho, tímido e conservador.

Nós não somos, de acordo com os padrões Americanos, ricos, mas, de acordo com os padrões mundiais, somos distintamente prósperos e estamos nos escalões econômicos superiores. Dos nossos membros, 127 recebem mais de \$10.000 por ano, e quase boa parte destes recebe mais de \$25.000. Há 199 famílias que recebem de \$5.000 a \$10.000 por ano, e apenas 86 confessaram receber menos de \$5.000, o que pode ser modéstia. Nossos interesses, então, não estão normalmente com os pobres

e famintos, ainda que não estejamos conscientes disso: nós assumimos, por um lado, a nossa identidade com o pobre e, ainda assim, agimos e simpatizamos com o rico, uma dicotomia inconsciente e perigosa.

Esse é um motivo de tristeza ou felicitações, de acordo com o ponto de vista de cada um, quando lembramos que esse grupo está provavelmente destinado à extinção. Das famílias, 159 não têm filhos e 88 apenas um filho; três quartos das famílias não têm netos e 39 têm apenas 1 neto. Nossos outros 72 membros podem, salvo acidentes, reproduzir parcialmente o nosso número, mas, atualmente, existem apenas 243 netos, quando a sobrevivência exigiria 880!

Teoricamente, então, esse não é um grupo ideal para o tipo de liderança que eu tenho em mente. Inclusive, ele enfrenta tendências e dificuldades peculiares. Permitam-me citar seis delas: primeiro, uma distinta indisposição para reexaminar tendências e conhecimentos ou para questionar conclusões do passado. Segundo, uma disposição para aceitar os valores e decisões da América de hoje. Terceiro, uma profunda descrença na Ásia e na África e, até mesmo, nas Índias Ocidentais – parcialmente originada pelo preconceito Americano que nos cerca: em parte pela ideia de que nós mesmos somos pessoas de cor excepcionais e incomuns. Quarto, um sentimento de impotência diante de grandes probabilidades e tendências: se o mundo branco está seguindo uma trajetória que foi aceita, mesmo que suicida, afinal, o que podemos e queremos fazer em relação a isso? Quinto, uma filosofia atual entre nós tão antiga quanto a humanidade, “comer, beber e ser feliz” – uma reação para nos livrarmos da extrema depressão dos dias em que lutamos pela mera existência e pela determinação de desfrutar de algumas das possibilidades que a nossa renda e nova liberdade possibilitam hoje.

E, finalmente, apesar de algumas das coisas extraordinárias que temos visto os Negros dessa última geração fazerem na América, ainda persiste entre nós a dúvida profunda sobre a capacidade dos negros em lidar com o mundo branco. Nós somos tão dolorosamente conscientes da degradação de milhões das nossas massas; do crime e da luxúria que espreitam

em Nova Iorque, Chicago e Nova Orleans; da mentira, desonestidade e duplo tratamento que marcam tantos, até nossos ricos e inteligentes, que associamos cor à degradação e não conseguimos nos convencer sobre nenhum triunfo real das pessoas negras. Poucos de nós sabem, ou tentam saber, o que a degradação humana nesta terra pode ser, o que ela tem sido e é entre outros povos mais justos.

Basicamente, isso nos confronta com dois problemas: a liderança das massas e o sacrifício necessário da liderança. A elevação da massa não pode ser deixada ao acaso. Marx e Lênin acreditavam firmemente que isso só poderia ser realizado por uma ditadura. Penso que, no caso da Rússia, eles tinham razão, mas, na nossa situação, acho que podemos libertar a nossa própria massa através da organização e influência exercida por um grupo, por meio de uma liderança abnegada. Esta é, principalmente, uma questão de caráter que eu falhei em enfatizar em minha primeira proposta de um “Décimo Talentoso”.

Caráter

NESTA reorientação das minhas ideias, ao apontar os novos conhecimentos necessários para a liderança e as novas ideias de raça e cultura, ainda permanece aquele requisito fundamental e básico de caráter para qualquer liderança bem-sucedida em direção a grandes ideais. Mesmo que os ideais sejam claramente percebidos, a honestidade de caráter e a pureza de propósito são necessários, sem as quais nenhum esforço é bem-sucedido ou merece ser bem-sucedido. Nós costumávamos falar muito sobre caráter – talvez em demasia. Na Fisk, isso ressoava em nossos ouvidos. Em Harvard, nunca o mencionamos. Pensávamos nisso, mas não era de bom tom falar sobre. Em Berlim, o esquecemos completamente. Mas isso foi uma reação. Não podemos ter a perfeição. Temos poucos santos. Mas devemos ter homens honestos ou morreremos. Devemos ter uma liderança altruísta e perspicaz ou falharemos.

O que a Sigma Pi Phi pode fazer para enxergar que somos capazes disso para o Negro Americano? No que diz respeito ao grupo que tenho diante de mim, pouco pode ser feito, pela simples razão de que a maioria dos nossos atuais membros em breve estará morta. A menos que comecemos a recrutar membros jovens para esta fraternidade, em grande número, nossos conclaves bienais serão cada vez mais dedicados a obituários. Devemos ter um grande aumento de filiações, proveniente de homens que receberam sua educação universitária a partir da Primeira Guerra Mundial. Esses novos membros não devem ser simplesmente bem-sucedidos, no sentido americano de ser rico; nem todos devem ser médicos e advogados. Os técnicos, homens de negócios, professores e assistentes sociais admitidos devem ser aqueles que compreendem a revolução econômica que agora varre o mundo e que não pensem que o lucro privado é a medida do bem-estar público. E, também, devemos procurar deliberadamente por homens honestos.

Esse número de jovens filiados deve ser muito maior do que é atualmente. Baltimore, por exemplo, tem mais de 166.000 negros e apenas 23 no seu *Boulé*, representando menos de 100 pessoas. Certamente, deve haver pelo menos 23 outras pessoas em Baltimore dignas de parceria. É inconcebível que sonhemos, mesmo por um momento, que com 440 membros tenhamos arranhado até mesmo a ponta do topo da superfície de um grupo representativo de liderança negra em potencial na América. Nada além da preguiça congênita deve nos impedir de ter 3.000 membros até o próximo biênio, sem qualquer redução de qualidade, e 30.000 membros até 1960. Esse seria um verdadeiro centésimo numérico da nossa raça, um corpo suficientemente grande para representar todos, mas suficientemente pequeno para assegurar uma qualidade excepcional, se submetido a bons critérios para o planejamento inteligente e desinteressado.

Um Programa Planejado

TENDO conseguido um grupo de homens viris, predominantemente ativos, de meia-idade e com opiniões estabelecidas, que terminaram sua

educação e começaram seu trabalho de vida, o que eles podem fazer? Eles devem, primeiro de tudo, reconhecer o fato de que as posições que ocupam na vida são, principalmente, uma questão de oportunidade, ao invés de simplesmente mérito ou habilidade. Que se tais oportunidades fossem estendidas e ampliadas, mil vezes mais Negros poderiam se juntar ao nível dos educados e aptos, em vez de se afundarem na pobreza, doença e crime; que o dever principal desta organização seria encontrar mérito, habilidades e caráter entre os jovens Negros e dar-lhes educação e oportunidade; que a maior oportunidade deve ser vista como trabalho alinhado com o dom e o treinamento, com remuneração suficiente para fornecer um padrão de vida decente.

Uma organização nacional desse tipo deve estar preparada para usar propaganda, fazer investigações, planejar procedimentos e até financiar projetos. Isso exigirá um corpo inicial de crenças que, mesmo agora, pode ser previsto em linhas gerais.

Gostaríamos de impressionar as gerações emergentes de Negros na América com o ideal de vida simples e de pensamento elevado – desafiando o ruído, o desperdício e ostentação Americana com a reabilitação do indispensável grupo familiar, através do planejamento deliberado de casamentos com companheiros selecionados pela hereditariedade, físico, saúde e inteligência; com menos insistência na cor, beleza e atração sexual romântica: o mal chamado amor. A juventude deve casar-se jovem e ter um número limitado de filhos saudáveis. O lar deve ser um lugar de educação, com livros, discussão e entretenimento, ao invés de um lugar onde se faxina e se cozinha.

As escolas para onde essas crianças serão enviadas não devem ser escolhidas pela cor dos seus professores ou alunos, mas pela sua eficiência em educar uma determinada criança. Dentro e fora de casa, as crianças devem aprender a não negligenciar o nosso patrimônio artístico: música não é concebida apenas para clubes noturnos, o teatro não tem só a Broadway como destino, a dança não é a serva da prostituição e a escrita não é somente para lucro.

Nossa religião, com todos os seus dogmas, demagogia e exibicionismo, pode ser um centro para ensinar o caráter, boa conduta e o sacrifício. Ali reside um modo de vida para um Gandhi Negro e uma multidão de seguidores sinceros.

Os anfitriões negros da Libéria, da Etiópia e de outras partes da África, juntamente com a Ásia, as terras do Pacífico, a América do Sul e Central e a área do Caribe, têm a necessidade desse amplo conhecimento do mundo e de um treinamento especial na técnica que podemos aprender e levar até eles. Eles não precisam de nós para fins de exploração e esquemas de enriquecimento rápido. Não há razão para que o tipo de conhecimento e ensino que, há dois mil anos, fez dos bosques de Atenas o centro da salvação do mundo, não possa reviver em dez mil lares Negros na América hoje.

A profissão não deve e não precisa ser deixada ao acaso ou confinada àquilo que os brancos estão fazendo ou estão dispostos a permitir que façamos. Ela deve envolver inovação e experiência. Deve ser cuidadosamente planejada, minuciosamente pensada a partir de um amplo estudo das vontades humanas, poder técnico, esforço treinado e devoção consagrada com o uso de todos os procedimentos científicos em física, química, biologia, psicologia, sociologia e história.

Para esse objetivo central de trabalho planejado, esta organização deve reunir a melhor experiência e conhecimento. Deve encorajar o pioneirismo e a aventura; atacar lugares desertos com técnicas modernas; produzir novos bens através de novos processos; evitar o sistema fabril e a produção em massa como última palavra no trabalho e regressar ao ideal de consumo pessoal, gosto individual e desejo humano; pensar no consumo e nos consumidores como algo anterior à produção, e não na produção como o fim da indústria e o lucro como sua motivação.

A nova geração deve aprender que o objetivo do mundo não é o lucro, mas o serviço e a felicidade. Devem, portanto, ser afastados de carreiras que são antissociais e desonestas, embora imensamente lucrativas. Seguro saúde pode ser uma ajuda social, mas grande parte dele,

atualmente, é roubo organizado. Devemos ter drogarias, mas as patentes patifes em que tantos deles negociam merecem a penitenciária. Jogos de azar, não somente como jogo de pôquer, mas como uma carreira lucrativa, estão infiltrando em todos os tipos de negócios Americanos, desde o mercado de ações, fábricas e lojas atacadistas, até as loterias ilegais, corridas de cavalos e sorteios de rádio. Todo esforço deve ser feito para afastar a próxima geração dessa podridão seca da morte e do crime.

Uma organização adaptada a tal programa de propaganda e trabalho de orientação, e capaz de procurar e selecionar habilidades, caráter e esforço financeiro para dar-lhes oportunidades, necessitará de grandes fundos à sua disposição. O sacrifício necessário para fornecer tais fundos deve ser considerado não como caridade sentimental ou fervor religioso piegas, mas como prospecção e investimento no futuro do Negro na América, uma garantia perspicaz contra a perda por negligência absurda de recursos humanos inestimáveis. Poderemos alcançar o ideal elevado quando, novamente, o décimo de nossa renda for para o esforço perfeitamente viável de civilizar o Negro americano, de tal forma que ele será capaz de liderar o mundo e almejará fazê-lo.

O Centésimo Guia

ESSA, PORTANTO, é a minha teoria reexaminada e reafirmada do “Décimo Talentoso”, que se tornou a doutrina do “Centésimo Guia”.

Naturalmente, eu não sonho que uma palavra minha transforme, em qualquer grau essencial, a forma e as tendências desta fraternidade, mas estou certo de que a ideia deve ser expressa e que a semente deve ser lançada, seja nesta ou noutra terra, hoje ou amanhã.

doi: 10.9771/aa.v0i69.63488